

Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação – Unesp Bauru
Departamento de Comunicação Social
Graduação em Comunicação Social – Jornalismo
Camila da Piedade Nishimoto

REPORTAGEM TRANSMÍDIA
NÃO ERA AMOR

Bauru
2017

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO

Projeto Experimental de Conclusão de Curso apresentado pela discente Camila da Piedade Nishimoto, como requisito para obtenção do título de bacharel em Jornalismo, ao Departamento de Comunicação Social (DCSO) da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (Faac), da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Bauru, sob orientação do Prof. Dr. Francisco Rolfsen Belda.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Francisco Rolfsen Belda – FAAC/Unesp-Bauru

Prof. Dr. Juarez Tadeu de Paula Xavier – FAAC/Unesp Bauru

Profª. Dra. Érika de Moraes – FAAC/Unesp - Bauru

AGRADECIMENTOS

Entender a importância da presença da empatia nos caminhos que escolhemos percorrer foi essencial para que esta reportagem pudesse tomar forma. Por me ensinar o quão poderoso é colocar-me no lugar do outro, agradeço à minha mãe, Sandra, à minha avó Irenita e à minha tia Sônia. Sem essa habilidade, todo o período de entrevistas poderia ter sido diferente e muito menos proveitoso.

Agradeço às minhas queridas amigas Heloísa, Jéssica, Mariana, Nathane e Thainá, mulheres incríveis que tive o prazer e a sorte de conhecer durante a faculdade e que me mostraram o poder da amizade feminina e como ela pode mudar a forma como enxergamos a nós e a outras mulheres. O futuro é definitivamente feminino. A meus amigos José Felipe e Matteus também deixo meu muito obrigada por todo o apoio.

Por todo o suporte, financeiro, emocional e material, agradeço a meu pai, Mauro, e novamente à minha mãe, Sandra e à minha avó Deolinda. Sem eles nenhuma das viagens fora do programado para São Paulo ou a compra dos equipamentos seria possível. Agradeço à minha irmã Larissa pelo empréstimo do celular para a captação do material audiovisual, mas principalmente por ser uma inspiração de força e resiliência e por, ainda que inconscientemente, me fazer idealizar e ter a vontade de tirar esse trabalho do mundo das ideias.

A todas as mulheres que contribuíram com seu conhecimento e tempo para que este trabalho pudesse ser realizado: sem vocês, Eliane, Flávia, Jade, Lenira, Maria Sylvia, Paula e Teresa Cristina, seria impossível construir essa reportagem da qual tenho tanto orgulho. E um muito obrigada cheio de carinho a Caroline, Hannah, Isadora, Larissa, Sabrina, Suzane e Vanessa por terem tido a coragem de compartilhar suas histórias com uma completa estranha.

Ao professor Juarez Xavier, muito obrigada por reacender em mim, no último ano da graduação, a paixão pelo jornalismo bem feito, sentimento que foi fundamental para que eu não desistisse do projeto nem nos momentos de maior tensão. A meu orientador, professor Francisco Belda, agradeço pela paciência e por sabiamente guiar o caminho para que eu conseguisse fazer dessa reportagem o melhor que ela poderia ser.

RESUMO

“Não era amor” é um produto jornalístico transmídia que visa trazer à luz e buscar construir um debate dos olhos da sociedade acerca da prática de violências domésticas e familiares, sem julgamentos e culpabilização das vítimas. A discussão sobre a ocorrência desse tipo de violência em mulheres adultas é o eixo central, abrindo ramificações para a forma como diferentes idades, identidades de gênero, orientações sexuais, classes, raças e limitações físicas influenciam na intensidade da violência sofrida. Os motivos que impedem a realização de denúncias e as consequências e marcas dessa violência na vida das personagens também estão presentes. Para isso, realizaram-se pesquisas quantitativas, documentais, entrevistas presenciais para coleta de informações.

Palavras-chave: violência doméstica; violência familiar; violência de gênero; lei maria da penha

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	5
1.1 A temática da violência doméstica contra a mulher.....	5
1.2 Objetivos geral e específico.....	6
1.2.1 Objetivo geral.....	6
1.2.2 Objetivo específico.....	7
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	7
2.1 Reportagem.....	7
2.2 Narrativa transmídia.....	8
2.3 Conceitos de realização e finalização.....	11
2.4 Técnicas jornalísticas empregadas.....	12
3. PLANEJAMENTO DO PRODUTO JORNALÍSTICO.....	14
4. METODOLOGIA E EXECUÇÃO.....	17
4.1 Descrição das atividades empregadas.....	17
4.2 Descrição do produto final.....	18
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	19
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	21
APÊNDICE.....	22

1 INTRODUÇÃO

1.1 A temática da violência doméstica contra a mulher

As diferenças de gênero fazem parte do dia a dia de quase todas as mulheres no mundo. E essas distinções tornam-se ainda mais pronunciadas quando essas mulheres agrupam-se em outras minorias, sejam elas raciais, de classe, de capacidades físicas e intelectuais ou de idade.

Dada a orientação patriarcal dos sistemas que regem todo o globo, encarar mulheres e tudo o que está relacionado ao papel de gênero imposto como feminino como inferiores e não como iguais é comum e rotineiro em praticamente todos os espaços. E o lar, que deveria exercer um papel protetivo, de conforto e segurança, torna-se quase sempre o espaço de primeira e maior opressão e violência para mulheres, em especial as que reúnem outros marcadores, como pertencer aos grupos LGBT, possuir deficiência física, ser negra e pobre, etc..

Segundo pesquisa realizada em 2017 pelo Instituto Datafolha, 500 mulheres são agredidas a cada hora no Brasil. E 61% do total desses agressores são conhecidos das vítimas, sendo 19% desse total destinado aos cônjuges atuais e 16% a homens com os quais se relacionaram no passado.

De acordo com o Mapa da Violência 2012: Homicídios de Mulheres no Brasil (Cebela/Flacso, 2012), duas em cada três pessoas atendidas no SUS em razão de violência doméstica ou sexual são mulheres; e em 51,6% dos atendimentos foi registrada reincidência no exercício da violência contra a mulher. O SUS atendeu mais de 70 mil mulheres vítimas de violência em 2011 – 71,8% dos casos ocorreram no ambiente doméstico.

Mulheres negras são as mais afetadas pela violência doméstica, sendo as vítimas mais frequentes de feminicídio (62,2% entre pretas e pardas) e estupro (56,4%). Segundo dados de 2013 da Central de Atendimento à Mulher, 59,4% dos registros de ocorrências de violência doméstica referem-se a mulheres negras.

Entretanto, a violência sofrida por essas mulheres no ambiente doméstico nem sempre é contabilizada pelas estatísticas. O lar poucas vezes é encarado como o primeiro e principal ambiente de opressão que uma mulher e aqueles que dela dependem irão conhecer, ainda que

esta seja a realidade de muitas delas. Autoritarismo paterno, abusos físicos e psicológicos na infância e juventude, controle da sexualidade e da identidade de gênero, ameaças, diminuição da autoestima, isolamento, controle e cerceamento das liberdades são algumas das demonstrações vistas com mais frequência da violência doméstico-familiar contra a mulher.

Uma em cada cinco mulheres diz já ter sofrido algum tipo de violência de parte de algum homem, segundo a pesquisa Mulheres Brasileiras nos Espaços Público e Privado (Fundação Perseu Abramo / SESC, 2010). Ainda que se fale mais sobre o assunto atualmente, poucas vezes ele é mostrado como um problema sistêmico e que alicerça as sociedades contemporâneas. Quase sempre aparece na mídia na forma de casos individuais relatados através do *hard news* e a presença de linguagem e abordagens que culpabilizam as vítimas é ainda muito comum neste tipo de material.

Preencher essa lacuna informacional é o que justifica a existência da *Não era amor*. Buscou-se trazer para o conteúdo a ideia de que a violência doméstica contra a mulher não pode ser reduzida a casos isolados, devendo ser encarada como um dos pilares estruturantes da sociedade, ao lado das diferenças de gênero. Elencar os diferentes tipos de violência doméstica e familiar aos quais uma mulher está sujeita ao longo de sua vida, apontando seus principais atores e respeitando recortes de raça, classe, identidade, idade e limitações físicas e intelectuais é outra das preocupações tidas no processo de elaboração da reportagem, podendo ser visto desde a escolha de fontes até à redação.

A relevância e justificativa da temática dão-se justamente na necessidade de uma abordagem mais detalhada, minimalista e humana do que sofrer violência doméstica realmente representa na vida da mulher. Pouco se fala sobre como lidar com os traumas a níveis micro e macro, como defender a si e aos filhos e filhas, o papel da denúncia e como fazê-la mesmo quando não existem marcas físicas dos abusos; ou de como o despreparo institucional (intencional ou não) e o machismo impedem que mais mulheres registrem essas ocorrências.

1.2 Objetivos geral e específicos

1.2.1 Objetivo geral

Produzir uma reportagem transmídia com o tema violência doméstica e familiar, na tentativa de expor violências que normalmente não são encaradas pela sociedade em geral

como tal, ficando no campo simbólico, o que torna mais difícil denunciá-las, expô-las e superá-las, como repressão sexual, não aceitação da orientação sexual e identidade de gênero, agressões e abusos psicológicos, permitindo que grupos minoritários como mulheres negras, deficientes e LGBTQ+ construam suas próprias narrativas.

1.2.2 Objetivos específicos

- Construir um espaço de debate acerca da importância da violência de gênero doméstico e familiar contra a mulher;
- Mostrar de que forma este tipo de ação afeta a vida de um indivíduo a curto, médio e longo prazo;
- Mostrar a superação de personagens que passaram por isso e que hoje conseguem ter vidas mais próximas do convencional;
- Escrever em linguagem acessível para que todos os tipos de pessoas possam entender o que está sendo escrito;
- Mostrar a importância de criar uma consciência coletiva feminina e também masculina acerca da violência doméstica e suas consequências;
- Tornar o conteúdo acessível a pessoas com deficiência visual e auditiva, utilizando para isso descrição de imagens e legenda para os vídeos.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Reportagem

Por mais que possua aspectos pouco tratados na mídia tradicional, a violência doméstica e familiar é um tema que tem ganhado mais espaço e vem sendo mais discutido conforme as pessoas se interessam mais sobre ele e passam a enxergar sua importância. Por já existirem diversos materiais com vários recortes acerca dessa temática, o gênero escolhido para tratar dela neste projeto é a reportagem, que, segundo Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari:

Embora não prescindir de atualidade, esta não terá o mesmo caráter imediato que determina a notícia, na medida em que a função do texto é diversa: a reportagem oferece detalhamento e contextualização àquilo que já foi anunciado, mesmo que

seu teor seja predominantemente informativo (SODRÉ e FERRARI, 1986, p. 18).

Ainda segundo Sodré, o gênero reportagem também permite que temas que já foram tratados anteriormente sejam revisitados se mantiverem condições de curiosidade, interesse e importância histórica, que é o caso da temática de violência contra a mulher, que nunca deixa a atualidade por, infelizmente, continuar a fazer parte do dia a dia da grande maioria das mulheres, em maior ou menor grau. A possibilidade de explorar uma narrativa mais aprofundada que possa ser transposta para diferentes suportes em diferentes formatos é outro dos aspectos que fazem da reportagem um gênero adequado para exploração desta temática, já que permite que o leitor tenha acesso à informação sem depender de nenhum tipo de suporte específico para isso. A possibilidade de trazer detalhamento através da mescla de depoimentos com dados concretos é outro dos motivos que levaram à escolha do formato de reportagem para a realização da *Não era amor*.

2.2 Narrativa transmídia

Vivendo num mundo onde culturas, formatos, gêneros e suportes convergem um com o outro, é impossível pensar uma reportagem que seja inteiramente completa, complexa e que atenda a todos os vieses, uma vez que reportar é fazer escolhas e recortes. Entretanto, a possibilidade que a narrativa transmídia traz de utilizar uma variedade maior de formatos para contar a história que se propõe pode ser vista como uma forma mais “completa” de desenvolver o conteúdo, o que se adequa à intenção da autora da *Não era amor* em trazer o maior número de ramificações possíveis sem desviar do assunto central.

A principal definição de narrativa ou história transmídia fica a cargo do estudioso Henry Jenkins, pesquisador referência na área de comunicação e convergência e autor de diversos livros e artigos, dentre os quais o conceituado “Cultura da Convergência”. Jenkins acredita que

Uma história transmídia desenrola-se através de múltiplas plataformas de mídia, com cada novo texto contribuindo de maneira distinta e valiosa para o todo. Na forma ideal de narrativa transmídia, cada meio faz o que faz de melhor – a fim de que uma história possa ser introduzida num filme, ser expandida pela televisão, romances e quadrinhos; seu universo possa ser explorado em games ou experimentado como atração de um parque de diversões (JENKINS, p. 141, 2009)

A ideia de integração sem repetição mostrada por Jenkins é o grande motivo pelo qual uma narrativa transmídia é uma forma tão interessante de contar histórias e se mostrou o formato ideal para a realização da *Não era amor*. Utilizar o que cada plataforma e suporte possui de melhor, combinando estes prós com aspectos específicos da narrativa eleva a qualidade da transmissão da informação e permite que o leitor monte seu próprio fluxo de consumo de todo o conteúdo, podendo este estar ou não de acordo com o que foi pensado inicialmente por seu produtor e organizador.

Esse fluxo de conteúdos diferenciados em diversas plataformas de mídia também é definido por Jenkins em “Cultura da Convergência” como a convergência em si, que para ele se refere também: “à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam” (JENKINS, p. 30, 2009). Mesmo que a maior parte dos exemplos presentes na obra se refira a produtos do universo do entretenimento, a propagação massiva das mídias sociais e a acessibilidade facilitada a novas plataformas de consumo de informação, graças à democratização crescente do acesso à internet, permitem que essa definição também se aplique a novas formas de construir não somente narrativas de entretenimento, mas jornalísticas e de informação.

Na narrativa transmídia, cada parte pertencente a esse fluxo de conteúdo, fragmentada em seu formato, funciona de maneira independente, possibilitando que o leitor consiga acessar a informação na ordem e na plataforma que desejar, o que cria independência. Ainda assim, mesmo que separados, devem colaborar para que o fato seja compreendido em sua totalidade. Vicente Gosciola, em seu artigo “Narrativa transmídia: conceituação e origens”, a define como “uma história, mas o que a diferencia de outras histórias é que ela é dividida em partes que são veiculadas por diferentes meios de comunicação, cada qual definido pelo seu maior potencial de explorar aquela parte da história”. Na *Não era amor*, quando a imagem da entrevistada se fazia importante para o entendimento do conteúdo e de sua fala, foi priorizado que essa fala se desse em vídeo, por exemplo. Transformar em infográficos dados coletados nas entrevistas também é um dos recursos utilizados para transmitir a informação da melhor forma possível, ainda que de maneira diferente da qual esta foi coletada.

Produzir material jornalístico dentro deste formato de narrativa transmídia também o faz mais democrático, uma vez que a história, a informação e o conteúdo podem ser

entendidos de forma independente sem a necessidade de se ter domínio de um determinado suporte ou linguagem específica.

2.3 Conceitos de realização e finalização

Para estar de acordo com a escolha de formato para a realização da reportagem, que é transmídia, todas as entrevistas foram gravadas em vídeo, para que se pudesse aproveitar a imagem e a voz das entrevistadas no formato audiovisual quando melhor este se encaixasse no decorrer da reportagem. A escolha de produção de materiais em diferentes formatos para além do vídeo e do texto, abarcando infográficos, GIFs, galerias de fotos e mapas interativos, também somente foi feita para que o formato transmídia fosse integralmente utilizado ao longo da reportagem.

Por ser uma reportagem, o aprofundamento no tema tratado e a utilização de personagens que dessem rosto e voz a ele foi uma escolha consciente da necessidade de um respiro que fuja da crueza e brutalidade dos dados concretos acerca da temática de violência doméstica contra a mulher. A montagem de uma pauta foi o primeiro passo na pré-produção da reportagem, por ela ser vista como “o principal elo de ligação entre a produção e a edição das matérias” (KOTSCHO, p. 11, 1986). Foi montada uma pauta completa, com possibilidades de enredos e ganchos, além de listas de fontes, endereços eletrônicos de materiais importantes e ideias para produção de mídias. O tempo gasto na montagem da pauta foi economizado no momento da redação do texto e na produção das mídias, uma vez que boa parte do conteúdo a ser utilizado em forma de dados e pesquisas estava acessível na pauta durante a produção.

Em artigo apresentado no 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, José Augusto Mendes Lobato e Mayara Luma Assmar Correia Maia Lobato discutem a ideia de que narrativa jornalística, mais do que um espaço para se repassar informação, é um “lugar de encontro e descoberta do outro”, problematizando a maneira como a alteridade aparece em gêneros jornalísticos, entre eles a reportagem, e sugerindo que estes podem se tornar ferramentas para des-instrumentalizar o olhar jornalístico sobre o outro, com destaque especial para aquele que é excluído e marginalizado socialmente. “As narrativas de alteridade associadas à denúncia da exclusão social como um campo fértil para o desenvolvimento e potencialização de novos métodos e linguagens para o jornalismo” (LOBATO e LOBATO, p. 2, 2017).

Com este conceito em mente, dedicou-se uma seção inteira da reportagem para tratar dos diferentes efeitos da violência doméstica em diferentes perfis de mulheres, que possuísem um ou mais marcadores sociais associados à exclusão, como raça, classe, sexualidade, identidade de gênero e capacidades físicas/intelectuais. Permitir que elas mesmas contassem suas histórias para a câmera e ampliar nestes momentos do texto a utilização do discurso em primeira pessoa, além de direcionar, humaniza a informação e permite a identificação com o “tu”, fazendo com que ele deixe de ser visto como “isto”, por mais que ele seja diferente do “eu”, lugar ocupado por aquele que lê. Para que esta intenção fosse concretizada coerentemente dentro da reportagem, escolheu-se fontes que representassem essa diversidade, tanto dentro do espectro de personagens, quanto no de especialistas. A única coisa que todas têm em comum é se identificarem com o gênero feminino ou com um terceiro gênero de características femininas. Trazer acessibilidade ao conteúdo também fez parte do planejamento de produção: criou-se legendas para os vídeos e legendas acessíveis para as outras mídias (GIFs, fotos, infográficos e mapas) para que pessoas com deficiência visual e auditiva consigam consumir o conteúdo em igual profundidade e sem empecilhos que possam ser causados pela ausência dessas legendas.

A seleção da plataforma para publicação do material (Atavist) foi indicação do professor orientador como melhor espaço on-line para divulgação de uma reportagem transmídia por já ter sido usada anteriormente pelo mesmo para esse fim. A amplitude da adição gratuita de recursos multimídia e um número maior de possibilidades de encaixá-los ao longo do texto são justificativas para a escolha dessa plataforma. Por mais que esteja inteiramente em inglês, o idioma não foi um empecilho no momento da montagem do conteúdo.

De maneira a ter referências relevantes de reportagens produzidas no formato transmídia, foi analisada a premiada *Snow Fall*, publicada originalmente pelo The New York Times em 2012 e mantendo-se atual e relevante como exemplo para a produção transmídia no jornalismo mesmo 5 anos após sua publicação. Na análise, percebeu-se a forma como eram encaixados e utilizados os recursos multimídia, bem como seu tamanho, como ocupava o espaço em relação ao bloco de texto principal e de que maneira essas ideias poderiam ser transpostas para a *Não era amor*. Os vídeos curtos apresentados na *Snow Fall*, bem como a posição lateral das mídias em relação ao texto da reportagem foram trazidos para a reportagem.

2.4 Técnicas jornalísticas empregadas

A escolha da temática seguiu os conceitos de seleção de informações de Lage (2002), que os classifica em proximidade, atualidade, identificação social, intensidade, ineditismo e identificação humana. Ainda que o tema não se encaixe no critério de ineditismo, por já ter sido abordado na mídia diversas vezes, mantém-se enquadrado em todos os outros, por permanecer atual, já que ainda é um problema; por gerar identificação social e humana, com pessoas que passaram por situações semelhantes e também com aqueles que se compadecem do ocorrido; por estar próximo da realidade de todas as mulheres (cis e trans) e travestis do Brasil, uma vez que uma em cada cinco delas já relatou ter sofrido violência por parte de algum homem ao menos uma vez na vida, segundo a pesquisa Mulheres Brasileiras nos Espaços Público e Privado (Fundação Perseu Abramo / SESC, 2010).

O conceito de pirâmide deitada, apresentado por Canavilhas (2005), aplica-se bem às reportagens para a web, deixando de lado a tradicional pirâmide invertida, na qual as informações são elencadas por ordem de relevância jornalística. A manutenção desse estilo de redação, entretanto, é desencorajada por Canavilhas, que acredita que “existem diferentes padrões de leitura que deixam antever a necessidade de adoptar um novo paradigma na organização de informação de cariz jornalístico” (2005, p. 2).

O autor também aponta para o pouco espaço criativo que sobra ao jornalista quando este se atém à pirâmide invertida, o que pode mecanizar a escrita informativa, “tornando a leitura das notícias pouco atractiva” (2005, p. 6), algo que se pretendia evitar no conteúdo produzido na reportagem *Não era amor*. Pensando nisso, foi cabível aplicar a pirâmide deitada, modelo no qual o texto não é organizado em função de sua importância informativa, mas de forma a “assinalar pistas de leitura”, sendo “oferecida a possibilidade de seguir apenas um dos eixos de leitura ou navegar livremente dentro da notícia” (2005, p. 14). Canavilhas ainda estipula três tipos de estruturas para a notícia que segue a pirâmide deitada, sendo elas linear, reticular e mista. A reportagem *Não era amor* se encaixa na estrutura mista, que, segundo Canavilhas “apresenta níveis do tipo linear e outros de tipo reticular. A leitura perde algum grau de liberdade quando comparada com o modelo anterior, mas tem a vantagem de oferecer “pistas de leitura” bem definidas”. Enxerga-se a “liberdade” na reportagem por ela permitir uma navegabilidade na direção que o leitor preferir, graças ao menu hambúrguer à esquerda da tela, possibilitando o acesso a qualquer seção da reportagem, sem precisar ler a

anterior. Já as “pistas de leitura” ficam a cargo da indicação à próxima seção ao final do conteúdo de cada capítulo. Pode-se entender a reportagem como parte do jornalismo transmidiático porque, segundo Pernisa (2010), para tal “cada matéria menor deve ter uma angulação precisa e bem desenvolvida, que se liga às outras de modo a criar uma estrutura maior, que pode ou não ser vista pelo usuário, conforme o seu interesse”, critérios atendidos por ela ao longo de seu desenvolvimento

Com relação às técnicas de entrevista utilizadas, nos depoimentos de experiências de violência doméstica, por se tratar de uma temática delicada e que poderia reavivar emoções e sentimentos, a condução das entrevistas se assemelhou muito às técnicas de entrevistas descritas por Campos (2009) como características do jornalismo literário avançado. Dentre elas estão criar uma relação de confiança com a entrevistada, para que ela pudesse estar o mais confortável possível para se abrir sobre alguns dos fatos mais trágicos de sua vida, em especial porque precisaria relatar tudo isso frente a uma câmera que gravaria um vídeo; e conviver com elas em seu ambiente, o que fez com que a maioria das entrevistas fosse gravada em suas casas. Foram coletadas autorizações de uso de imagem, voz e depoimento de todas as entrevistadas, incluindo as especialistas, de maneira a garantir segurança jurídica com relação ao uso desse conteúdo na montagem da reportagem.

3 PLANEJAMENTO DO PRODUTO JORNALÍSTICO

Além de pensar na viabilidade do tema, nas suas limitações geográficas de realização e no valor-notícia do mesmo, a escolha em fazer uma reportagem transmídia sobre violência doméstica também adveio de experiências pessoais, vivenciadas pela autora e/ou por mulheres próximas a ela. Ver tão de perto situações de agressão e como o silêncio ainda é a regra na maioria dos casos despertou na autora a vontade de falar sobre isso, mostrando que ainda é uma problemática que está longe de ser solucionada.

O público-alvo da reportagem transmídia *Não era amor* é o de mulheres (cis e trans) e travestis, entre 16 e 40 anos (faixa etária mais atingida pela violência doméstica), das classes A, B e C. Ainda assim, o conteúdo, em forma e linguagem, tem por objetivo de atingir todos os tipos de públicos, incluindo homens, já que a problemática da violência doméstica contra a mulher só poderá ser erradicada quando existirem aliados do gênero masculino do outro lado, auxiliando na propagação da informação e na diminuição da ocorrência de atitudes violentas. Com relação à viabilidade econômica de mercado e audiência, por estar hospedado em uma

plataforma gratuita e pela autora ter utilizado os recursos disponíveis nela para montar o conteúdo, não houve problemas com relação à viabilidade, bem como ao custo de implantação, que foi inexistente, já que não houve compra de domínio para o site e nem aquisição de um plano *premium* no Atavist. O conteúdo teve um alcance razoável já que, ao ser realizada uma pesquisa para coleta de informações sobre violência doméstica, 76 mulheres, das 190 que responderam ao questionário, demonstraram interesse em lê-lo após finalizado, para as quais foi enviado um e-mail com o link da reportagem. Um e-mail similar também foi enviado a todas as fontes que auxiliaram na realização do material. Para a circulação e lançamento, por ser uma reportagem transmídia disponível na internet, a partir da publicação de sua versão final, ficou disponível para o acesso do público em geral.

Para a elaboração da reportagem *Não era amor*, foram empregadas as principais técnicas jornalísticas tradicionais. No processo de pré-produção, a pesquisa realizada para selecionar a temática considerou o valor-notícia da mesma, bem como a identificação da autora com ela. Elaborou-se uma pauta completa para que servisse como guia durante o processo de contatar fontes, controlar suas respostas e quais delas efetivamente fariam parte ou não da reportagem.

No processo de entrar em contato com especialistas e personagens, o meio de comunicação mais utilizado foi e-mail. O contato por telefone e por mensagens no Facebook também foi frequente em situações nas quais o e-mail não estava disponível ou não havia sido respondido. Algumas fontes-personagem foram conseguidas através da conversa presencial, comentando com conhecidos a necessidades de mulheres com determinado perfil e, assim, conseguindo o contato e a colaboração delas. Construiu-se um formulário on-line que pedia para que mulheres marcassem as situações de violência de gênero que já haviam vivenciado dentro de casa. Foram coletadas 190 respostas de diferentes faixas etárias, gêneros no espectro neutro ou feminino e renda. Duas das fontes-personagem da reportagem surgiram a partir deste formulário, que também tinha um campo para deixar o e-mail caso tivesse interesse em participar dando entrevista ou depoimento.

Houve uma preparação detalhada para as entrevistas realizadas com mulheres vítimas de violência, de forma a não despertar gatilhos do que aconteceu de maneira involuntária nas entrevistadas: as roupas utilizadas pela repórter no momento da coleta do relato eram o mais neutras possíveis, a mesma buscou não utilizar nenhum perfume ou maquiagem, bem como penteados diferentes que pudessem desviar a atenção do relato ou fazer aflorarem lembranças

indesejadas. Lenços descartáveis foram levados em todos os encontros como forma de estar preparada para o choro durante a entrevista. Nos encontros com mulheres especialistas, buscou-se pesquisar sobre a temática da área de cada uma com antecedência para poder realizar perguntas pertinentes, mas novos questionamentos que não estavam programados também foram realizados a partir de ganchos que surgiram no momento da entrevista.

Antes de adentrar efetivamente no processo de produção do texto base e das mídias para a reportagem, decupou-se todas as entrevistas em um documento para referência futura no período de produção. Além da decupagem, criou-se uma estrutura para a reportagem antes de começar a produzi-la, dividindo-a em seis capítulos e determinando seus conteúdos, com apontamentos sobre falas de fontes que podiam caber naquela seção, mídias a serem produzidas e encaixadas naquele pedaço do conteúdo. Ambos os documentos foram utilizados durante toda a redação do texto base e produção das mídias em vídeo, GIFs e infográficos.

A elaboração do conteúdo foi realizada em conjunto com a publicação do mesmo no Atavist, para acompanhar a maneira como tudo se encaixaria na plataforma de publicação, dando a possibilidade de reorganizá-lo caso necessário antes da publicação final. A redação foi feita simultaneamente à edição de vídeos, criação de GIFs, infográficos e galerias, para que cada seção estivesse pronta e não precisasse ser revisitada para a adição das mídias após a finalização do texto base.

4 METODOLOGIA E EXECUÇÃO

4.1 Descrição das atividades empregadas

No total, 16 pessoas contribuíram para a realização da reportagem cedendo entrevistas acerca de diferentes aspectos da temática de violência doméstica contra a mulher. O foco no momento da escolha de fontes foi priorizar ao máximo entrevistadas mulheres, tanto que apenas 2 homens cederam depoimento e as informações que forneceram ficaram apenas na construção do texto base e não no desenvolvimento da narrativa. Seis dessas entrevistas foram de caráter de relato, com mulheres (cis e trans) e travestis que já passaram por alguma situação de violência. As outras 10 se deram com especialistas da área jurídica, psicológica, legislativa e social.

Quinze dessas entrevistas possuem registro em vídeo, que foram gravados utilizando um smartphone Motorola Moto G4 Plus para captação da imagem, e um microfone de lapela comum para a captação do áudio. Em um Motorola Moto G3 foi captado o áudio das

entrevistas separadamente, para fins de segurança. Um tripé profissional Kenko foi utilizado em todas as gravações, bem como um adaptador para que o celular pudesse ser encaixado nele, um fio extensor de 3 metros para o microfone e um adaptador de entrada P2 para P3, para que o som pudesse ser captado no lapela simultaneamente à gravação do vídeo no smartphone. Todas as entrevistas foram gravadas utilizando esses mesmos equipamentos. As fotografias presentes na reportagem também foram tiradas utilizando o Motorola Moto G4 Plus e as artes que encabeçam algumas das seções foram criadas utilizando o Adobe Illustrator CC. Todos esses equipamentos, à exceção do tripé e dos smartphones, foram adquiridos exclusivamente para a produção da reportagem.

Uma caderneta de anotações foi adquirida especialmente para acompanhar a autora durante as entrevistas, uma vez que a mesma acredita que uma folha de papel pode acabar intimidando o entrevistado no momento da coleta do depoimento. Nela também foram anotadas sugestões de nomes para a reportagem, localização de livros da bibliografia na biblioteca, roteiros de perguntas para cada fonte, orientações do professor-orientador realizadas em atendimentos, etc..

A maioria das entrevistas foi realizada na cidade de São Paulo e em sua região metropolitana, sendo que apenas duas delas foram gravadas na cidade de Bauru. A autora reside em Diadema (ABCD) e por isso o deslocamento de Bauru para São Paulo foi facilitado. Mesmo assim, muitas entrevistas foram gravadas em locais distantes da cidade, o que fez com que o deslocamento fosse grande e cansativo em alguns casos. Essas “viagens” entre uma cidade e outra da região metropolitana foram realizadas majoritariamente através do transporte público da cidade e não houve grandes dificuldades em chegar aos lugares por maiores que fossem as distâncias, por estarem, em sua maioria, localizados próximo a estações de metrô e pontos de ônibus. Como plataformas de hospedagem foram escolhidos o Atavist, o Vimeo e o Giphy. Os softwares e aplicativos utilizados para produção e edição do conteúdo foram Adobe Premiere CC, Adobe Illustrator CC, Aegisub, Easy Voice Recorder, Canva, Imgur, e Pro HD Câmera Filmadora 4K.

4.2 Descrição do produto final

A reportagem é dividida em 6 partes de maneira a abordar diferentes recortes do tema sem que nenhum deles se sobreponha ou ofusque o outro. Optou-se por não fazer uma introdução metalinguística, explicando a reportagem e sua relevância, já iniciando com o texto

de abertura na segunda página. A abertura (“Mistura dor e alegria”) teve seu título inspirado na música “Maria, Maria”, de Milton Nascimento, por tratar majoritariamente da Lei Maria da Penha e por ela realmente misturar a dor e a alegria, já que ampara mulheres violentadas (alegria), mas é mal aplicada, o que causa ainda muito sofrimento em quem decide denunciar (dor). Fala-se também de suas aplicações, como era antes da lei e de que forma as mulheres podem efetivamente realizar a denúncia de seus agressores.

A segunda parte (“Mas por que ela não denunciou?”) tem como foco principal mostrar os principais motivos que levam mulheres a não denunciarem seus agressores. Por ainda existir muita culpabilização da vítima quando esta sofre violência, esta seção fez-se mais do que necessária para que se entenda que os motivos que as impedem de sair desses relacionamentos e auxilie na ampliação da credibilidade na palavra da mulher, que frequentemente é posta em xeque quando confrontada com a do homem. Visa mostrar que quase nunca não denunciar está associado à vontade, mas, sim, ao medo, à vergonha e ao despreparo das instituições em recebê-las.

A terceira parte (“Não, não somos todas iguais”) tem por foco mostrar como as diferenças sociais (de classe, raça, capacidades físicas e idade) diferenciam mulheres e a forma como a violência de gênero chega até elas. Ainda que o gênero nos una, diferentes mulheres têm diferentes demandas e que é importante reconhecer essas desigualdades para avançar no combate à violência doméstica, uma vez que ele não vem sozinho, mas atrelado a mudanças sociais em outros espaços, não somente o dos relacionamentos fraternos e amorosos.

Na quarta parte (“Me aceita como eu sou”), o foco é a violência de gênero desencadeada pela descoberta da sexualidade ou da identidade de gênero. Traz informações que comprovam que mulheres homossexuais, bissexuais, trans e travestis correm riscos a mais do que mulheres que estão dentro do padrão de sexualidade, identidade e expressão de gênero. Depoimentos de entrevistadas aqui explicam como a sexualidade e identidade de gênero foram o que as levou a sofrerem violência doméstica por parte da família. Fala-se também sobre a legitimidade da aplicação da Lei Maria da Penha para mulheres transsexuais e travestis. Comenta-se sobre como crianças que não se adequam ao padrão instituído tendem a ser um alvo mais fácil para violência dentro de casa. Há citação de casos de meninos que foram mortos recentemente por terem “fugido” desse padrão imposto ao quererem lavar a louça ou por serem “afeminados”. Uma das fontes comenta que há uma aversão a tudo aquilo

que esteja associado ao feminino, mesmo que este não seja expresso no corpo socialmente aceito como feminino.

“O agressor não é um monstro” é a quinta parte da reportagem e visa mostrar como está equivocada a visão construída de que os agressores não são pessoas comuns. Dados comprovam que a ocorrência de violências em casa e por conhecidos é maior. Explica que devemos parar de enxergar aqueles que cometem violência como monstros, mas, sim, como o que são: homens comuns que, por n motivos, incluindo neles o endosso da sociedade e a quase certeza da impunidade, acreditam ter direitos sobre os corpos e vidas das mulheres para tudo, inclusive e especialmente a violação. Usa-se a questão de a casa ser o primeiro ambiente de opressão conhecido por uma mulher e como isso faz com que a educação não seja apenas responsabilidade da família, já que esta muitas vezes é a executora da violência. Esta parte serviu de gancho para comentar sobre prevenção (principal objetivo da Lei Maria da Penha) e como o ensino de gênero é uma das mais importantes.

Na sexta e última parte (“Essas pessoas que nos agrediram e nos machucaram não vão mandar na nossa vida para sempre”), o objetivo é mostrar como é a vida possível após ser vítima de violência de gênero doméstico-familiar. Mostra-se quais os impactos da violência na vida das mulheres (psicológicos, físicos, emocionais), explicando como quebrar o ciclo do isolamento é importante para a recuperação. Todas as entrevistadas foram questionadas sobre o que esperavam de seu futuro e é neste momento que esta fala aparece, como maneira de mostrar que é possível viver uma vida plena sem deixar que a violência sofrida as defina.

Criou-se uma seção final que fala um pouco sobre o projeto, com o e-mail da autora caso alguém deseje entrar em contato.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tirar essa reportagem do papel foi um dos momentos mais desafiadores da trajetória jornalística da autora como graduanda de jornalismo, pela delicadeza do tema, pela dificuldade em encontrar mulheres dispostas a contar suas histórias e conseguir transcrever tudo isso de maneira sensível e respeitosa a todos esses relatos. Sem dúvidas os momentos de maior tensão e dificuldade foram as entrevistas realizadas com vítimas. Foi o primeiro contato da repórter com uma temática tão bruta e cruel e foi muito difícil não deixar a sensibilidade aflorar juntamente com as lágrimas das mulheres enquanto estas contavam suas histórias, colocando o profissionalismo e o distanciamento jornalístico em primeiro lugar. Ainda assim,

em alguns casos, questionou-se o real papel dessa distância e em muitos momentos ela foi deixada de lado por ser considerada contraproducente para a obtenção de um bom relato e criação de uma conexão com as depoentes. Conduzir as entrevistas de maneira a conseguir que as mulheres contassem detalhes de suas histórias foi uma dificuldade, pelo fato de a autora considerar-se mais eloquente no papel do que na oralidade. Ainda assim, serviu como forma de aprendizado para entrevistas futuras.

Lidar com os prazos, documentos e burocracias foi um desafio menor, mas não menos complexo da elaboração da reportagem, uma vez que eles mostravam constantemente que a produção não dependia apenas da boa vontade de quem a estava realizando, mas de fatores externos que muitas vezes mais atrapalharam do que ajudaram. Não ter uma câmera profissional para a realização das fotografias foi algo que fez falta durante a produção de conteúdo imagético, mas o mesmo não se aplica aos vídeos, já que o smartphone oferece qualidade similar de gravação, além de deixar os arquivos menores, o que facilitou a sua subida para a internet. Não possuir armazenagem de mídia externa com alta capacidade (HD ou pendrive) que não fosse o computador no qual a maior parte do trabalho foi realizada foi uma tensão. Por isso, um backup de segurança foi realizado em um computador dos laboratórios da universidade, de forma a não correr o risco de perder o material caso alguma fatalidade acontecesse à máquina pessoal.

Acredita-se que pelo fato de os equipamentos de gravação de áudio não de qualidade profissional, parte do áudio gravado juntamente com os vídeos acabou sendo perdida em algumas filmagens, restando somente o vídeo sem a voz da entrevistada nele. Ainda assim, isso não prejudicou a realização da reportagem, até mesmo facilitando o processo de seleção e cortes, já que essas partes tornaram-se inutilizáveis. Esses ocorridos auxiliaram a autora a trabalhar um pouco sua prolixidade, aprendendo a ser mais sucinta e objetiva no que estava sendo desenvolvido. Próximo ao final do prazo para realização e entrega do projeto, houve um problema com o computador onde era realizada a maior parte da edição e produção. O HD deixou de ser reconhecido e tudo o que havia nele não pôde ser recuperado a tempo para a entrega final no dia 5 de janeiro de 2018. O backup de segurança das entrevistas foi realizado parcialmente no Google Fotos, com qualidade alta, e quase inteiramente em uma máquina dos laboratórios da Unesp. Mas estes só abririam no dia 8 de janeiro, o que fez com que a autora se ativesse ao material que possuía salvo na nuvem para finalizar a reportagem. Por conta disso, algumas das ideias iniciais para o conteúdo foram repensadas, uma vez que alguns

vídeos e áudios não estavam mais disponíveis para utilização. Entretanto, acredita-se que apenas a parte 4 (“Me aceita como eu sou”) foi realmente prejudicada, uma vez que as entrevistas com as mulheres trans e travestis na Casa Florescer não estavam salvas em nenhum lugar além do HD corrompido, o que empobreceu a utilização dos relatos, deixando-os restritos ao texto e não expandido-os ao vídeo e ao áudio, como havia sido inicialmente pensado.

O fato de a maior parte das entrevistas ter sido realizada na cidade de São Paulo gerou um cansaço extra, por conta da necessidade de deslocamento de Bauru até São Paulo e depois a necessidade de ir de Diadema até lugares localizados na Zona Norte, Oeste e Leste da capital.

No que diz respeito às contribuições, as de cunho pessoal e profissional são sempre maiores do que as de cunho social, por mais que esta última seja a maior pretensão, uma vez que o assunto já foi tratado diversas vezes na grande mídia. As contribuições para a autora, enquanto profissional prestes a entrar no mercado de trabalho, são incontáveis. Toda a experiência de construir um projeto do zero e vê-lo finalizado mostrou que é possível tirar ideias do papel e transformá-las em algo relevante, mesmo com orçamento e ferramentas limitados. Conhecer mulheres incríveis que lutam pela causa, bem como seus espaços, foi outra das contribuições pessoais advindas do desenvolvimento desse projeto. Não somente a possibilidade de *networking* está incluída nisso, mas a chance de aprender coisas novas com pessoas que, de outra forma, a autora nunca entraria em contato. A possibilidade desenvolver quase todas as técnicas e habilidades jornalísticas aprendidas ao longo dos 8 semestres de curso é outro dos aspectos positivos retirados da experiência de desenvolver uma reportagem transmídia como trabalho de conclusão de curso. Outro ponto positivo foi conseguir trabalhar a auto-confiança naquilo que produziu e diminuir as inseguranças com relação ao trabalho realizado, ajudando a preparar o terreno e a mente para o mercado de trabalho que está logo ali. Ainda assim, a humanização da temática e a abordagem da violência doméstica como um problema sistêmico e não isolado ainda não é tão frequente, o que torna a *Não era amor* mais relevante. Estar construída no formato transmídia também pode torná-la uma boa referência para produções futuras do tipo, já que este ainda é um tipo de reportagem não tão explorado quanto deveria no Brasil. A acessibilidade do conteúdo através de legendas para vídeos e fotos é outro diferencial, já que não existem muitos conteúdos sobre esse tema que sejam acessíveis ao público com deficiência auditiva e visual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPOS, Pedro Celso. **Gêneros do Jornalismo e Técnicas de Entrevista**. 2009. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/campos-pedro-generos-do-jornalismo.pdf>. Acesso em: 05 dez. 2017.

CANAVILHAS, João. **Da pirâmide invertida à pirâmide deitada**. 2005. Disponível em: <http://bocc.unisinos.br/pag/canavilhas-joao-webjornalismo-piramide-invertida.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2009.

GOSCIOLA, Vicente. Narrativa transmídia: conceituação e origens. In: CAMPALANS, Carolina et al (Org.). **Narrativas transmedia: Entre teorías y prácticas**. Barcelona: Uoc, 2014. p. 7-14.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009. 432 p. Tradução: Suzana Alexandria. Disponível em: <<http://bit.ly/hjenkins>>. Acesso em: 07 dez. 2017.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1986. 80 p. (Fundamentos)

LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. Disponível em: <http://nilsonlage.com.br/wp-content/uploads/2015/04/Ideologia_comp_pdf>. Acesso em: 05 dez. 2017.

LOBATO, José Augusto Mendes; LOBATO, Mayara Luma Assmar Correia Maia. **Alteridade, Empatia e Afetividade no Jornalismo: Por Uma Des-instrumentalização do Olhar Sobre o Outro na Narrativa de Informação**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 40., 2017, Curitiba. Anais.... Curitiba: Sbeic, 2017. p. 1 - 15. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-3036-1.pdf>. Acesso em: 04 dez. 2017.

PERNISA JÚNIOR, Carlos. **Jornalismo transmidiático ou multimídia?** Interin, Curitiba, v. 10, n. 2, p.1-10, jul. 2010. Disponível em: http://biblioteca.esec.pt/cdi/ebooks/docs/pernisa_junior_jornalismo.pdf. Acesso em: 05 dez. 2017.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem: Notas sobre a narrativa jornalística**. 6. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1986. 144 p. (Novas buscas em comunicação).

APÊNDICE

1. Pauta

Violência doméstica e familiar através das diferentes fases da vida das mulheres brasileiras

1) Descrição da estrutura

A ideia da reportagem é representar os tipos de violência doméstica e familiar aos quais mulheres estão mais sujeitas em cada diferente fase da vida: infância (1), juventude (2) e senioridade (3), mostrando os efeitos de cada um a curto, médio e longo prazo.

Antes de entrar na divisão de linha do tempo, entretanto, cabe realizar uma introdução acerca do tema, com dados, informações relevantes e mais práticas, linkando de alguma forma para o restante do conteúdo.

Cada uma das três fases terá um foco narrativo em até 3 personagens, que devem representar o maior número possível de meninas e mulheres. Mulheres de classes menos abastadas, negras, gordas, LGBTs e deficientes serão priorizadas, uma vez que sentem a violência doméstica com mais intensidade, por ela estar sempre acompanhada de outros tipos de opressão (baixa renda, racismo, gordofobia, LGBTfobia e capacitismo).

Para construir e dar credibilidade à história de cada personagem, sempre se buscará opiniões de especialistas e dados estatísticos, de forma que a realidade micro de cada uma delas aponte para uma problemática macro, a nível nacional.

A intenção é que o foco recaia nas violências simbólicas sofridas, as que não se pode ver ou denunciar com tanta facilidade, mas que deixam marcas tão profundas e duradouras, mas sem excluir do quadro agressões de cunho físico e sexual.

Alguns dos tipos de violência doméstica mais comuns, que podem aplicar-se às 3 diferentes fases, de formas diferentes, são:

- Exposição a seio familiar abusivo
- Pressão para adequar-se aos padrões físicos, de gênero e de sexualidade
- Abuso sexual
- Abuso físico
- Abuso moral e psicológico

- Negligência familiar (seja ela física, financeira ou emocional)

2) Elementos da pauta

Quem: Violência doméstica e familiar

O quê: afeta mulheres em todas as fases de sua vida

Onde: no Brasil

Por quê: porque mulheres ainda são vistas com inferioridade, sendo relegadas a elas as posições de propriedade e criada (dona de casa)

Como: graças à desvalorização e diminuição da presença feminina, herança de uma sociedade patriarcal, no trabalho (doméstico ou fora do lar), em casa, nos relacionamentos, etc..

Quando: nas últimas décadas e na atualidade

3) Possibilidades de gancho

Parte 1: conteúdo geral sobre violência doméstica

Relato pessoal, em 1ª pessoa, contando alguma experiência já vivida ou caso de violência que marcou muito o Brasil (descrever a situação sem usar nomes e dados, como se fosse realmente um relato. Eloá e Maria da Penha são boas possibilidades);

Parte 2: infância

História marcante de alguma das personagens (mulher adulta que sofreu violência na infância, profissional da Vara da Infância e Juventude ou assistente social); Usar o caso Isabella Nardoni, que não deixa de ser o extremo de uma violência doméstica e parental, culminando no pior desfecho possível;

Parte 3: juventude/vida adulta

Descrições curtas de casos de mulheres que foram assassinadas por parceiros/ex-parceiros ou descrições de situações cotidianas que deveriam ser consideradas opressão e violência doméstica simbólica, mas que não são vistas dessa forma (recusar-se a dividir as tarefas da casa, controlar exageradamente, ciúmes, tratar a mulher como propriedade, etc.).

Parte 4: senioridade

História de alguma das personagens que já passou por algum caso de violência doméstica na velhice; Descrição de situações vividas por mulheres mais velhas que deveriam ser consideradas violência (abandono parental, roubo de pensão, negligência de cuidados e violência física, sexual e psicológica)

4) Consequências

A criação de consciência mais aprofundada acerca do tema, com cada vez mais pessoas sabendo que para ser considerada violência doméstica, não é necessário que deixe marcas físicas;

5) Fontes da pauta

Violência doméstica contra a mulher

Especialistas

Silvia Malamud (contactada)

Psicóloga com 21 anos de experiência em clínica. Especialista em Terapia Individual, Casal e Família/Sedes. Terapeuta Certificada em EMDR pelo EMDR Institute/EUA. Terapeuta Certificada em Brainspotting - David Grand/ EUA. Realiza Terapia de Abordagem Direta a Memórias do Inconsciente. Autora do livro “Sequestradores de Almas”, sobre relacionamentos abusivos.

Contato

Email: malamud.silvia@gmail.com

Celular: (11) 99938-3142

Site: <https://www.silviamalamud.com/>

Consultório: Av. Angélica 972, conj. 136 – Higienópolis – São Paulo

Rafaela Caldeira Gonçalves

Graduada em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (2000). Mestranda em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Atualmente é Juíza Auxiliar - Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo . Tem experiência na área de Direito, com ênfase em Direito Penal, Direito Processual Penal, Direito Civil, Direito Processual Civil e Direitos

Humanos. Juíza designada do Juizado Central de Violência Doméstica e Familiar Contra a Mulher, anexo à 8ª Vara Criminal Central da Comarca da Capital.

Contato:

Entrar em contato com o Juizado e pedir

Maria Cláudia Goulart da Silva (contactada)

Psicóloga, atende em Florianópolis. Possui especialização em Violência Doméstica pela USP. Atua há mais de 10 anos na área clínica, utilizando como abordagem de trabalho, a Psicoterapia Breve de Orientação Analítica. Realiza trabalhos como perita e assistente técnica na área de Psicologia Jurídica. Possui experiência na área da saúde hospitalar com particular ênfase em psiconefrologia e dependência química.

Contato

Telefones: (48) 9914-2943 - Tim

(48) 8440-9382 - Oi

E-mail: mclaudiags@hotmail.com

Nadja Vilela dos Santos (contactada)

Psicóloga, coordenadora do Centro de Cidadania da Mulher Santo Amaro da Secretaria Municipal de Políticas para Mulheres (SMPM) de São Paulo.

Contato

E-mail: nadjavilela@ig.com.br

Silvia Chakian de Toledo Santos (contactada)

Promotora de Justiça, Secretária Executiva e Coordenadora do Grupo de Atuação Especial de Enfrentamento à Violência Doméstica (GEVID) do Ministério Público Estadual de São Paulo; Membro integrante da Comissão Permanente de Violência Doméstica (Copevid) do Grupo Nacional de Direitos Humanos (GNDH) do Conselho Nacional de Procuradores-Gerais (CNPGE); Membro colaborador do Conselho Nacional do Ministério Público (CNMP).

Contato

E-mail: gevidcentral@mpsp.mp.br

Teresa Cristina Cabral Santana Rodrigues dos Santos (contactada/entrevista marcada)

Juíza de Direito, titular da 2ª Vara Criminal da Comarca de Santo André/SP e integrante da Coordenadoria da Mulher em Situação de Violência Doméstica e Familiar do Poder Judiciário do Estado de São Paulo (COMESP).

Contato

E-mail: tcsantos@tjsp.jus.br

Maria Sylvia Oliveira (contactada)

Advogada, promotora legal popular e presidenta do Geledés- Instituto da Mulher Negra.

Contato

E-mail: m.sylviaadv@gmail.com

Lilian Aparecida de Araujo (contactada)

Feminista e lésbica. Psicóloga e promotora legal popular atuando no enfrentamento à violência contra mulheres e população LGBT.

Contato

E-mail: lilianreach@hotmail.com

Magali Celeghin Vaz (contactada)

Delegada Titular da 4ª Delegacia de Defesa da Mulher.

Contato

E-mail: magali.vaz@policiacivil.sp.gov.br

Maria da Penha Maia Fernandes (contactada/indisponível)

Fundadora do Instituto Maria da Penha e inspiradora da Lei Federal 11340/06 - Lei Maria da Penha; Coordenadora de Projetos do Instituto.

Contato

E-mail: ceci@institutomariadapenha.org.br; atendimento@institutomariadapenha.org.br

Personagens

Alice Girassol

Sobreviveu a três anos de abuso na infância, cometido pelo próprio irmão. Sobreviveu a uma tentativa de suicídio quando era adolescente. Sobreviveu a um estupro cometido por um vizinho de porta, quando já era adulta e morava sozinha.

Contato:

Perfil no Facebook: <https://www.facebook.com/alice.girassol.10>

Página criada por ela: <https://www.facebook.com/vivagirassol>

Suzane Jardim

Em dezembro de 2013, a historiadora Suzane Jardim foi jogada da janela do 4º andar de um prédio em São Paulo por um homem com o qual se relacionava.

Contato:

Perfil no Facebook: <https://www.facebook.com/suzane.jardim.54>

Link da carta aberta publicada por ela sobre o ocorrido:
<https://rizoma.milharal.org/2013/12/08/carta-aberta-de-suzane-jardim/>

Coletivos/organizações

Coordenadoria da Mulher em Situação de Violência Doméstica e Familiar do Poder Judiciário do TJSP (contactados)

Criadas pela Resolução nº 128 do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), são órgãos permanentes de assessoria da Presidência dos Tribunais de Justiça dos Estados e do Distrito Federal. Entre suas atribuições estão: garantir o aprimoramento da estrutura do Judiciário na

política de enfrentamento da violência contra as mulheres, auxiliar na formação continuada e especializada dos magistrados e servidores nesta matéria e recepcionar, no âmbito de cada Estado, dados, reclamações e sugestões referentes aos serviços de atendimento à mulher, promovendo encaminhamentos e divulgações pertinentes.

Contato

Endereço: Praça Doutor João Mendes, s/n – 17º andar – Sala 1705 – Centro – São Paulo.

Telefones: (11) 2171- 4807 / 3104-5521.

E-mail: comesp@tjsp.jus.br

Página “Não Foi Ciúme”

Página sobre relatos de violência contra mulher com análises e comentários sobre a narrativa da mídia

Contato

Página: <https://www.facebook.com/naofoiciume/>

Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde (contactado/respondido/indicou fonte)

O Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde é uma Organização Não Governamental que desenvolve desde 1985 um trabalho de atenção primária à saúde da mulher com uma perspectiva feminista e humanizada. Inspirado pela experiência feminista internacional, o método utilizado é o da crítica ao modelo médico clássico da gineco-obstetrícia. Nosso modelo vem propondo uma ‘medicina suave’ – dos tratamentos naturais e menos agressivos – e de preocupação com o conhecimento do corpo como um dos elementos centrais para a saúde. A mulher/usuária é percebida como um indivíduo, o sujeito da ação de saúde, capaz de entender, decidir e cuidar do próprio corpo e da própria vida.

Contato:

Endereço: Rua Bartolomeu Zunega, 44 - Pinheiros - São Paulo/SP

E-mail: mulheresorg@gmail.com

Site: <http://mulheres.org.br>

Página: <https://www.facebook.com/pg/ColetivoFeminista>

Telefone: +55 11 3812-8681

**NUPRO - Núcleo de Proteção de Direitos da Mulher e da Infância
(contactado/respondido)**

Sororidade com quebra do silêncio das vivências sofridas por maus tratos, negligência, abandono, violência física emocional e moral de mulheres e crianças

Contato

Página no Facebook:

<https://www.facebook.com/NUPRO-N%C3%BAcleo-de-Prote%C3%A7%C3%A3o-de-Direitos-da-Mulher-e-da-Inf%C3%A2ncia-1061229920629779/>

Rede de defesa de direitos

Guia da cidadania: rede de defesa de direitos das meninas e das mulheres do Estado de São Paulo

Contato

Site: <http://www.redededefesadedireitos.com.br/>

Campanha Compromisso e Atitude

A Campanha “Compromisso e Atitude pela Lei Maria da Penha – A lei é mais forte” é resultado da cooperação entre o Poder Judiciário, o Ministério Público, a Defensoria Pública e o Governo Federal, por meio da Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República e o Ministério da Justiça. Tem como objetivo unir e fortalecer os esforços nos âmbito municipal, estadual e federal para dar celeridade aos julgamentos dos casos de violência contra as mulheres e garantir a correta aplicação da Lei Maria da Penha.

Contato

Site: <http://www.compromissoeatitude.org.br/>

**Juizado de Violência Doméstica e Familiar Contra Mulher da Comarca de São Paulo
(contactado)**

Os Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher são órgãos da Justiça ordinária com competência cível e criminal, responsáveis por processar, julgar e executar as causas decorrentes da prática de violência doméstica e familiar contra a mulher.

Contato

Endereço: Avenida Doutor Abraão Ribeiro, nº 313, Rua 06 – 1º Andar, Sala 1550 – Barra Funda

Telefone: (11) 2127-9667 **Fax:** (11) 2127-9669

E-mail: spvioldom@tjsp.jus.br

Centro de Referência à Mulher Casa Eliane de Grammont (vai me retornar)

Objetivos: atender à mulher em situação de violência dentro de uma proposta multidisciplinar tendo em vista a administração do cotidiano, e superação da situação de violência. É uma instituição Governamental vinculada à Secretaria de Participação e Parceria do Município de São Paulo.

Contato

Endereço: Rua Dr. Bacelar, 20, Vila Clementino

Telefone: (11) 5549-9339 e (11) 5549-0335

E-mail: caseliane@yahoo.com.br

Delegacia Defesa da Mulher

R. Santa Rita de Cássia, 42 - Diadema/SP

(11) 4044-9224 / 4054-1158

Centro de Defesa e de Convivência da Mulher “Espaço Francisca Franco” (contactado)

Rua Conselheiro Ramalho, 93 – Liberdade

Fone: (11) 3106-1013

Elizabeth: cdc@franciscafranco.org.br

Casa Beth Lobo (contactado)

Endereço: Rua Turmalinas, 35 – Centro - Diadema

Tel.: (11) 4043-1918 / 4043-0737

Atendimento de segunda a sexta-feira, das 8h às 17h.

Núcleo de Promoção e Defesa dos Direitos da Mulher (NUDEM)

O NUDEM possui atuação de destaque na aplicação da Lei Maria da Penha (11.340/2006), que prevê medidas de prevenção e repressão à violência doméstica e familiar contra a mulher. O órgão coordena o atendimento a mulheres no Juizado Especial de Violência Doméstica, localizado na Capital.

Rua Boa Vista, 103, 10º andar
CEP 01014-000 - Centro, São Paulo, SP
Telefone: 3101-0155 ramal 233/238
nucleo.mulher@defensoria.sp.gov.br

Casa de Acolhimento Provisório de Curta Duração “Rosangela Rigo”

Oferece acolhimento provisório e/ou emergencial às mulheres e suas/seus filhas/os menores de 18 anos, que estejam com a integridade física ou psicológica em risco devido à violência doméstica e familiar de gênero. É um local seguro, com endereço não sigiloso, para proteção e atendimento integral temporário às mulheres.

Rua Castro Maia, 251 – Jardim São Paulo

Violência doméstica contra a criança

Especialistas

Maria Amélia Azevedo (contactada através do LACRI)

Possui graduação em Pedagogia pela Universidade de São Paulo (1960), graduação em Direito pela Universidade de São Paulo (1965) e doutorado em Orientação Educacional / Faculdade de Educação pela Universidade de São Paulo (1969). Professora livre-docente e titular pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (1993/1997). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Psicologia do Ensino e da Aprendizagem, atuando principalmente nos seguintes temas: infância, violência doméstica (especialmente de natureza sexual e psicológica), cultura e violência doméstica contra crianças e adolescentes. É autora de 11 livros na área da VDCA (Violência Doméstica contra Crianças e Adolescentes).

Contato

Lattes:

http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/email.do?metodo=apresentar&seqIdPessoa=36775&nomeDestinatario=Maria_Am%E9lia_Azevedo

Entrevista

com

ela:

<http://agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/especialista-fala-sobre-fatores-que-levam-violencia-domestica/>

Dalka Chaves de Almeida Ferrari

Possui graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1970), especialização em Violência Doméstica contra Criança e o Adolescente pela Universidade de São Paulo (1995) e especialização em Psicodrama Terapêutico pelo Instituto Sedes Sapientiae (1973). Atualmente é Atividade autônoma da Clínica Realengo e Professora/ Coordenadora CNRVV do Instituto Sedes Sapientiae - CNRVV.

Contato

Lattes:

http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/email.do?metodo=apresentar&seqIdPessoa=758572&nomeDestinatario=Dalka_Chaves_de_Almeida_Ferrari

Rosirene Rocha Santos das Neves

Assistente social e coordenadora de projetos da Rede Criança de Combate à Violência Doméstica.

Contato

Telefone: (11) 2541-6201

Dalila Figueiredo (contactada)

Presidenta e fundadora da Associação Brasileira de Defesa da Mulher da Infância e da Juventude (ASBRAD).

Contato

E-mail: asbrad@asbrad.org.br

Ligia Moreiras Sena (contactada)

Ligia Moreiras Sena é bióloga formada pela Universidade Estadual Paulista, Mestre em Psicobiologia pela Universidade de São Paulo, Doutora em Ciências pela Universidade Federal de Santa Catarina e Doutoranda em Saúde Pública pela mesma universidade. É autora e criadora do site Cientista Que Virou Mãe e co-autora do livro “Educar sem violência – Criando Filhos sem Palmadas”.

Contato

E-mail: ligiamsena@yahoo.com.br

Telefones: (48) 9162-4514; (48) 3271-2707

Coletivos/organizações

Centro de Referência às Vítimas de Violência (CNRVV)

<http://sedes.org.br/site/centros-sedes/cnrvv-centro-de-referencia-as-vitimas-de-violencia/>

Rede Criança de Combate à Violência Doméstica (contactados)

Serviço de atendimento gratuito a crianças e adolescentes vítimas de violência, abuso e exploração sexual.

Contato:

Endereço: Rua Amadeu Gamberini, 234 - São Paulo, Brazil

Telefone: (11) 2501-0091

Página no Facebook: <https://www.facebook.com/redecriancaoficial/>

E-mail: redecrianca_penha@hotmail.com

Site: <http://www.redecrianca.org.br/>

Childhood Brasil (contactados)

Certificada como Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (Oscip), a Childhood Brasil trabalha para influenciar a agenda de proteção da infância e adolescência no país, seja em parceria com empresas, com a sociedade civil ou com o governo. A organização tem o papel de garantir que os assuntos relacionados ao abuso e a exploração sexual sejam pauta de políticas públicas e privadas oferecendo informação, soluções e estratégias para os diferentes setores da sociedade.

Contato

Endereço: Rua Funchal, 411 – Conjunto 114 – Vila Olímpia – CEP: 04551-060 – São Paulo/SP

E-mail: childhood@childhood.org.br

Documentais

Documento sobre violência doméstica contra crianças e adolescentes

Caderno de violência doméstica e sexual contra crianças e adolescentes

Violência doméstica contra idosas

Coletivos/organizações

Associação Beneficente Cristã (ligar de novo)

Endereço: Rua Santa Rita, 1-73 - Vila Camargo - 17030-455 - Bauru

Telefone: (14) 3222-5171

E-mail: abcabrigo@ig.com.br

Lar do Ancião de Diadema (contactado)

Rua Tapuias, 116 - Vila Conceição - 09990-280 - Diadema

Telefone: (11) 4044-5054

E-mail: lardoanciao@ig.com.br / servicosocial.lardoanciao@hotmail.com

Casa de Repouso Para Idosos Lar Alcina (Ligar depois das 16h)

Endereço: Rua Regente Feijó, 94 - Centro - 09910-770 - Diadema

Telefone: (11) 4044-9740

E-mail: contato@laralcina.com.br

Casa De Moradia Parque Miami

Endereço: Rua Rio Mearim, 50 - Jardim Riviera - 09133-090 - Santo André

Telefone: (11) 4971-9171

E-mail: caritas.casamoradia@gmail.com

Casa do Caminho Ananias

Endereço: Rua Andorinha, 9 - Santa Maria - 09071-120 - Santo André

Telefone: (11) 4991-7543

E-mail: caminho.ananias@hotmail.com

Instituição Nosso Lar

Endereço: Rua Francisco Ferreira, 4 - Vila Guilhermina - 09175-640 - Santo André

Telefone: (11) 4453-7766

E-mail: contato@nossolaridosos.org.br

Casa – Comunidade de Amparo Social e Asilar

Endereço: Avenida Coração Eucarístico de Jesus, nº 300 - Dos Fincos - 09831-400 - São Bernardo do Campo

Telefone: (11) 4101-8585

E-mail: comunidadeamparo@superig.com.br

Centro de Referência do Idoso

Endereço: R. Paquetá, 23 - Centro, Diadema - SP, 09910-340

Telefone: (11) 4057-7981

Delegacia Efetiva de Proteção ao Idoso

Endereço: Av. Alda, 40 - Centro, Diadema - SP, 09910-170

Telefone: (11) 4048-2826

Documentais

[Instituto Mongeral Aegon - Violência contra o idoso começa em casa](#)

[Empório do Direito - Violência doméstica contra a mulher idosa](#)

[Geriatrics e Gerontologia - Violência contra a mulher idosa: vozes silenciadas](#)

[Artigo - A idosa e a lei Maria da Penha](#)

[Gazeta do Povo - Idosas são as mais vulneráveis à violência](#)

[Brochura - Quebrando o Tabu: violência contra mulheres idosas em contexto familiar](#)

[Cartilha Observatório do Idoso - Violência contra idosos: o avesso de respeito à experiência e à sabedoria](#)

[Plano de ação para enfrentamento da violência contra a pessoa idosa](#)

[AMPID](#)

6) Observação

Foco (epicentro do fenômeno jornalístico): A questão da violência doméstica e familiar contra mulheres no Brasil e como muitas opressões diárias não são normalmente enquadradas nessa classificação por restringirem-se ao campo simbólico.

Enfoque (abordagem da informação): Discutir, expor, justificar e exemplificar a ocorrência de violências doméstica e familiar contra mulheres diversas sob o ponto de vista social (papel que ocupam na sociedade e como são enxergadas por ela, especialmente as mulheres pertencentes a outras minorias sociais), cultural (o papel que acreditam que deveriam ocupar e por quê) e econômico (como a diferenciação de classe e a dependência financeira de terceiros incide ou não na ocorrência de violência doméstica).

Macroambiental: abordagem histórica do por que mulheres são as mais afetadas pela violência doméstica e familiar no Brasil. Expor as razões históricas, sociais e culturais que levam as mulheres a serem o grupo mais afetado pela ocorrência de violência doméstica e familiar. Buscar provar hipóteses de que o machismo, o sexismo e a segregação de gênero são os grandes responsáveis por essa ocorrência exacerbada. Trazer cenários nos quais o que ocorre hoje nos lares brasileiros e é tido como violência antes já foi o que era considerado normal e comum na vida das mulheres (ser vista como propriedade a ser mantida e guardada a sete chaves).

Microambiental: a lei e a violência doméstica no Brasil

Listar quais são as proteções jurídicas que existem no Brasil para mulheres com relação à violência doméstica. Realizar um comparativo com países que são considerados referência no combate à violência doméstica. Mostrar quais são os possíveis cenários futuros para a legislação brasileira e como isso pretende ser alcançado (projetos de lei, protestos, manifestações, pressão popular, etc.). Comparar teoria e prática das leis no Brasil e quais as dificuldades que mulheres enfrentam para terem respaldo no momento da denúncia (o fato de a violência ocorrer dentro de casa, o imaginário popular que pinta o agressor como alguém estranho e não alguém conhecido da vítima, despreparo dos profissionais atuantes na delegacia).

Ambiental: violência contra as mulheres, como se caracteriza, o que é, como reconhecer, como combater

Utilizar este espaço como uma cartilha mais didática acerca do tema, de forma que fique claro o que pode ser visto como violência doméstica, quais os canais de apoio, como denunciar, como agir após a ocorrência da violência, como se portar no momento da denúncia, o que é e como ocorre um exame de corpo de delito, etc.. Dar foco especial às violências não físicas, de forma a usar este momento como espaço de orientação, para que as vítimas consigam enxergar-se como tal e agirem para combater a violência.

Nanoambiente 1: violência doméstica e familiar contra mulheres na infância

A infância é um dos períodos nos quais a menina/mulher encontra-se mais vulnerável à ocorrência de atos violentos dentro de casa e por familiares, uma vez que a maior parte dos casos de violência contra crianças e adolescentes são praticados por pessoas que estes conhecem e que estão próximas (pais, tios, avós, padrastos, irmãos, etc.). Neste nanoambiente, é de interesse abordar:

- Os tipos mais recorrentes de violência
- O perfil do agressor
- Como sofrer este tipo de violência afeta a vida posterior do indivíduo, seja ainda durante a infância ou na juventude e vida adulta
- Histórias de mulheres que já passaram por isso ou que sejam próximas de alguma criança ou adolescente que está em processo de recuperação
- Visão de especialistas no assunto (assistentes sociais, psicólogos, etc.), que possam endossar as melhores formas de lidar com isso, superar o ocorrido, evitar que ocorra, sinais comuns que podem ser percebidos, etc..

Nanoambiente 2: violência doméstica e familiar contra mulheres na juventude e vida adulta

A vida adulta é o período mais longo na vida de uma mulher e, conseqüentemente, talvez o momento no qual ela mais vivencie atos violentos no ambiente doméstico e familiar. Desde o momento da formação da personalidade na adolescência até a consolidação das responsabilidades “de gente grande”, a maior parte das mulheres precisa encarar algum tipo de violência, seja ela advinda de seus familiares mais próximos ou de parceiros(as) que terão

ao longo da vida. Este tipo de violência é ainda mais marcante quando estas mulheres fazem parte de outra minoria (social, financeira, racial, sexual ou de limitações físicas e intelectuais).

Algumas delas são:

- Repressão e regulação da sexualidade e de seu desenvolvimento
- Abuso sexual, moral e físico
- Opressão psicológica
- Negligência parental e familiar

A ideia é abordar todos esses pontos através das histórias de diferentes mulheres, que se enquadrem nas mais diferentes minorias, para mostrar que, para falar de violência doméstica, é necessário realizar recortes de classe, raça, sexualidade e deficiência.

Nanoambiente 3: violência doméstica e familiar contra mulheres na senioridade

Por não estar mais na plenitude de suas faculdades físicas e mentais, a mulher idosa também fica exposta ao sofrimento de outras violências diferentes após os 60 anos. Quando necessita de cuidados especiais, é comum que haja negligência familiar, extorsão, abusos físicos, psicológicos e até mesmo sexuais. Em 2015, o Disque 100 recebeu 62.563 denúncias de violência contra o idoso, a maior parte por negligência.

A intenção de abordar a violência sofrida por mulheres idosas, tanto as que ainda são ativas, quanto as que não são, é dar voz a um tipo de violação dos direitos da mulher que não possui muito espaço na mídia, uma vez que muitas podem considerar algumas situações como comuns e ordinárias em seu dia a dia.

O objetivo é entrevistar mulheres com mais de 60 anos de diferentes perfis (ainda ativas no mercado de trabalho, aposentadas, que vivem sozinhas, que vivem com a família, que moram em casas de repouso, que necessitem de cuidados especiais) que já passaram por alguma situação de violência doméstica. Neste ponto da reportagem, a existência de alguma deficiência física ou intelectual deve ter um pouco mais de peso, uma vez que, na velhice, nossas funções físicas começam a se deteriorar mais visivelmente.

7) Descrição

Por se tratar de uma reportagem transmídia, é necessário que todas as suas partes sejam independentes entre si, mas que, ao mesmo tempo, complementem a narrativa uma da outra. Pensando neste sentido, nesta reportagem trabalhar-se-ão os formatos de:

- Texto
- Foto
- Vídeo
- Áudio
- Infografia
- Acessibilidade

Existe também a intenção de fazer com que o conteúdo seja acessível a pessoas com deficiência visual e auditiva. Legendas para os vídeos, descrição das fotos e a opção de ouvir o conteúdo escrito são algumas das formas de acessibilidade que serão realizadas.

Texto e foto

O texto será o formato mais predominante. A linguagem utilizada deve ser simples, para que todos os tipos de público possam entender com facilidade o conteúdo produzido. Fotografias serão utilizadas para ilustrar partes do conteúdo e a existência de 1 ensaio fotográfico é cogitada para quando a informação necessitar de uma plataforma mais visual para ser transmitida em sua integridade.

Vídeo

Os vídeos presentes no conteúdo não devem ser longos. É preferível que eles sejam distribuídos em maior quantidade com duração menor, para que a possibilidade de leitura não linear permaneça em todo o conteúdo.

Serão, em sua maioria, depoimentos curtos dos personagens e especialistas. A edição deverá restringir-se a cortes simples, com poucos itens de identidade visual que conectem o conteúdo audiovisual ao restante da reportagem. Todos eles deverão ser hospedados em um único espaço (Vimeo ou YouTube).

Infográficos

Infográficos deverão sempre respeitar os limites de proporção da plataforma de hospedagem da reportagem, sendo de fácil leitura e que, de preferência, possuam interatividade. Dados que possam ser mais compreensíveis através dos recursos visuais devem ser priorizados na criação dos infográficos, como:

- O ciclo da violência doméstica (interativo)
- Dados de casos de violência doméstica no Brasil
- Número de ocorrências nos últimos anos
- Perfil das vítimas
- Perfil dos agressores
- Violências simbólicas mais comuns
- Como se defender/prevenir a ocorrência da violência
- Como se portar no momento do exame de corpo de delito

8) Finalização

Parte 1: conteúdo geral sobre violência doméstica

Buscar alternativas de finalização que possam expor o restante do conteúdo, mas sem utilizar indicações tão didáticas. Uma pequena descrição de algumas das histórias pode ser uma boa solução.

Parte 2, 3 e 4: infância, juventude e senioridade

Utilizar histórias de superação das personagens para finalizar o conteúdo em todas as subseções, para que a reportagem não possua um tom apocalíptico, mas sem deixar de lado as sequelas carregadas pelas vítimas, mostrando que, apesar delas, é possível levar uma boa vida.

LINKS ÚTEIS

Documentos/dossiês/cartilhas

[Cartilha da violência doméstica](#)

[Dossiê Agência Patrícia Galvão sobre violência doméstica](#)

[Site de rede de apoio à vítima de violência doméstica \(Portugal\)](#)

[Manual de Jornalismo Humanizado Parte I: violência contra a mulher](#)

[Manual de Jornalismo Humanizado Parte II: pessoas com deficiência](#)

[Cartilha Lei Maria da Penha \(com lista de delegacias e centros de atendimento\)](#)

[Cartilha sobre como profissionais de saúde devem se portar em casos de mulheres em situação de violência](#)

[Secretaria Especial de Políticas para Mulheres](#)

Notícias

[Jornal Hoje - Violência impacta vida profissional](#)

[TAG Geledés - Violência doméstica](#)

[Agência Patrícia Galvão - Violência - mulheres como alvo](#)
[Cláudia - Violência contra a mulher: quando você deve acionar a justiça](#)
[The Huffington Post - Como reduzir a violência doméstica](#)
[Delas - "Não é uma briga de irmãos", diz jovem após ser vítima de violência doméstica](#)
[BBC Brasil - 5 obstáculos que mulheres enfrentam para denunciar](#)
[A mente é maravilhosa - O impacto da violência doméstica nas crianças](#)
[Magnitude of violence against children](#)
[Sul21 - Justiça restaurativa como alternativa para quebrar o ciclo da violência doméstica](#)
[Cientista que virou mãe - Violência sexual no casamento](#)
[Cientista que virou mãe - Os limites do cuidar: violência não é amor](#)
[Ações de combate à violência doméstica no Brasil](#)
[Marie Claire - Sobrevivemos ao abuso sexual infantil](#)
[Gazeta do Povo - Pai espanca e corta à força os cabelos da filha, mas é absolvido pela Justiça](#)